Apoio:

Patrocínio:

Realização:

Os Dois Caçadores

Os Dois Caçadores

Era uma vez, há muito, muito tempo, dois irmãos, um dos quais era Ourives e outro era Paupérrimo e ganhava a vida fabricando vassouras. O primeiro tinha o coração duro e a alma perversa, enquanto o segundo era muito bom e tinha dois filhos que iam muitas vezes à casa do tio rico para comer os restos dos seus jantares.
Um belo dia, enquanto o irmão pobre caminhava pela floresta, recolhendo os ramos secos que deviam servir-lhe para fabricar as vassouras, levantou o olhar para o cimo de uma árvore e viu uma magnífica ave de penas douradas que cintilavam como se fossem de metal. O bom homem pegou em uma pedra e atirou-a contra a ave, que fugiu assustada, deixando cair uma pena das suas asas. O irmão pobre recolheu-a e levou-a logo ao irmão rico que, depois de tê-la examinado com grande atenção, disse:
- Mas isto é ouro puríssimo! Pagar-to-ei em

proporção ao seu peso.
O pobre diabo recebeu o dinheiro, e na manhã seguinte voltou à floresta, ocupando-se a cortar alguns ramos de uma bétula. Justamente naquele instante, a ave das penas de ouro surgiu de um emaranhado de ramos, erguendo vôo a grande altura. O bom homem examinou atentamente o ponto de onde surgira a ave, e descobriu um ninho no qual se achava um ovo de ouro.
Na mesma tarde o levou ao irmão, que o examinou atentamente e, depois de tê-lo pesado, exclamou:
- Também este é de ouro puríssimo; pago-te pelo que vale.
O irmão pobre embolsou o dinheiro e estava para retirar-se, quando o Ourives lhe disse:
- Gostaria de possuir o pássaro que pôs este vôo. Se me trouxeres, dar-te-ei uma bolsa cheia de moedas de ouro.
A essas palavras, o fabricante de vassouras voltou correndo à floresta e descobriu logo a ave, que gorjeava em cima de um arbusto. Então pegou em uma pedra e atirou-a contra a ave, que caiu morta.
O irmão manteve a palavra e entregou-lhe a bolsa cheia de moedas de ouro. O fabricante de vassouras voltou para casa cheio de alegria, pensando que com aquele dinheiro poderia viver sem se afadigar.
Mas o Ourives, que era um patife, sabia muito bem a que espécie pertencia o pássaro em cuja posse entrara e, chamando a esposa, disse-lhe:
- Tens de assar-me este pássaro para esta noite; tem presente que devo comê-lo todo eu, e que não devo perder nem uma migalha.
Aquele pássaro pertencia a uma espécie raríssima

e, quem quer que tivesse a sorte de comer o seu coração e o seu fígado, encontraria todas as manhãs uma moeda de ouro debaixo do travesseiro.
A esposa seguiu religiosamente as instruções do marido e, depois de enfiar o pássaro no espeto, saiu um momento da cozinha para cuidar de outros quefazeres. Mas justamente durante a sua ausência chegaram os filhos do fabricante de vassouras, que quiseram divertir-se fazendo girar o espeto. De repente, dois pedacinhos do assado caíram na frigideira e um dos meninos exclamou:
- Vamos comê-los? São tão pequenos que ninguém perceberá! . . .
O irmãozinho estendeu a mão e, poucos instantes depois, saboreavam os dois o delicioso bocado.
- Que fazem aí? - gritou nesse momento a tia, entrando.
- Estávamos comendo dois pedacinhos do assado, que caíram na frigideira.
- Meu Deus! Comeram exatamente o coração e o fígado! - exclamou a senhora, assustada. E, não querendo que o marido percebesse o que acontecera, correu a matar um frango, tirando-lhe o coração e o fígado, que introduziu no peito da ave dourada.
Quando ficou pronta, serviu-a à mesa, e o Ourives devorou-a com grande avidez, sem deixar um bocadinho sequer.
Na manhã seguinte, acordou mais cedo que de costume e levantou o travesseiro, na esperança de encontrar debaixo dele a moeda de ouro, mas sentiu-se muito desiludido porque nada encontrou.
Ao contrário, os dois irmãozinhos tiveram a grata

surpresa de escutar alguma coisa tinir no chão e, inclinando-se para verem o que caíra das suas caminhas, encontraram duas belas moedas de ouro brilhante. Maravilhados e contentes, levaram-nas ao pai, que não podia acreditar nos próprios olhos e continuava a exclamar:

- Como pode ser isto?

E o espanto do bom homem não teve mais limites quando verificou que o milagre se repetia todas as manhãs. Então, lembrou-se de ir procurar o irmão, informando-o dos fatos extraordinários que aconteciam na sua casa. O Ourives adivinhou logo que os dois sobrinhos deviam ter comido o coração e o fígado do pássaro de ouro e, como era malvado, quis vingar-se, dizendo ao irmão:

- Pobres desgraçados! Teus filhos caíram em poder do demônio e, se continuarem na tua casa, estarás arruinado! Se queres salvar-te, abandona-os!

O ingênuo fabricante de vassouras tinha grande medo ao diabo e às artes mágicas; voltando para casa, tomou os dois meninos pela mão e, com o coração confrangido de dor, conduziu-os ao lugar mais denso da floresta e fugiu correndo, deixando-os sozinhos e abandonados.

Depois de terem chamado em vão pelo pai, os dois pobres meninos começaram a vaguear pelo bosque, na esperança de encontrarem o caminho para voltarem para casa, mas perderam-se ainda mais e, depois de muitas horas de caminhada, encontraram um caçador que lhes perguntou:

- Quem são voces, garotos?

- Somos filhos de um pobre fabricante de vassouras.

- E por que se encontram sozinhos na floresta?
Os dois meninos, contaram tudo o que lhes acontecera e o caçador teve pena deles e exclamou:
- Senão fizerem mau uso da sorte que lhes coube, nada de mau cometerão. Venham comigo; serei seu segundo pai e educá-los-ei.
De fato, o caçador levou os dois meninos, ensinando-lhes a profissão da caça e pondo de parte as moedas de ouro que eles encontravam todas as manhãs debaixo do travesseiro.
- Quando vocês forem grandes, entregar-lhes-ei o seu dinheiro — dizia ele de vez em quando aos dois irmãos.
Quando os dois atingiram certa idade, levou-os ao bosque, entregando a cada um uma espingarda, e disse-lhes:
- Para que eu possa declarar que são caçadores, terão de submeter-se a um exame. Prestem bem atenção na pontaria e disparem quando eu lhes disser.
Meia hora depois apareceu uma revoada de patos bravos, que voavam em formação de triângulo, e o caçador voltou-se para um dos irmãos, dizendo:
- Tu deves atingir o pato que voa à direita do triângulo.
O jovem disparou e abateu o volátil.
Pouco depois passou outro bando de aves que tinha a forma de um quadrilátero e o caçador disse ao outro irmão:
- Tu tens de acertar no pássaro que voa no canto esquerdo do quadrilátero.
O jovem disparou e também venceu a prova.
- Muito bem! - exclamou então o caçador -.Estou

satisfeito com o vosso exame, e declaro-vos livres e independentes, porque sois mestres na arte da caça.
Enquanto voltavam para casa, os dois irmãos consultaram-se sobre o que deviam fazer e, quando estavam à mesa para a ceia, disseram ao homem que os criara como segundo pai:
- Antes de comermos, queremos fazer-lhe um pedido.
- Digam, meus rapazes.
- Visto que estamos em condições de ser caçadores, queremos pedir-lhe licença para partir pelo mundo.
- Nada mais justo - respondeu o caçador -. A sua resolução é muito acertada, porque corresponde ao meu desejo. Dou-lhes, pois, a licença que me pedem para partirem pelo mundo.
Chegado o dia da partida, o caçador deu de presente uma bela espingarda a cada um dos dois irmãos, entregando-lhes também as moedas de ouro que guardara.
Depois os acompanhou um bom trecho de caminho, antes de deixá-los, e deu-lhes também uma boa faca de aço, dizendo:
- Quando tiverem de separar-se, cravem esta faca na árvore que encontrarem na bifurcação das duas estradas pelas quais seguirão. Quando um de vocês quiser ter notícias do outro, voltará até junto da árvore e olhará para a faca de gume duplo; se a lâmina estiver enferrujada de um lado, isso quererá dizer que um de vocês terá morrido.
Os dois irmãos agradeceram ao bom caçador e puseram-se a caminho, penetrando em uma floresta tão vasta que eram necessários vários dias para

atravessá-la. Depois de terem comido alguma coisa, tiveram pois de dormir debaixo de uma árvore e, no dia seguinte, tendo esgotado as provisões de víveres, disseram:
- Se quisermos comer, teremos de matar alguma caça.
Carregando as espingardas, puseram-se de tocaia e, pouco depois, viram aparecer uma velha lebre.
Estavam para matá-la, quando o pobre animal lhes dirigiu a palavra, dizendo-lhes com voz suplicante:
- Deixem-me viver bons moços; para recompensar-vos da vossa boa ação, eu vos trarei dois dos meus filhotes.
Os dois irmãos tiveram piedade da lebre e aceitaram a oferta. Mas quando se viram diante das duas pequenas lebres, tão espertas, saltitantes e bonitas, não tiveram coragem de matá-las.
Então, os dois animaizinhos não quiseram mais afastar-se deles, e seguiram-nos através da floresta.
Mais tarde descobriram uma raposa e estavam para atirar nela quando também a raposa lhes suplicou que a deixassem viver.
- Tenham compaixão de mim. Para recompensar-vos da vossa generosidade, trar-vos-ei dois dos meus filhotes.
Os dois caçadores não souberam resistir ao seu bom coração, e a raposa fugiu, voltando pouco depois com as duas raposinas. Mas também estas eram tão bonitas, espertas e graciosas, que os dois irmãos resolveram deixá-las viver, levando-as consigo, juntamente com as duas pequenas lebres.
Depois de algumas horas de caminho, descobriram

um lobo, mas também este tomou uma atitude de súplica e disse-lhes:
- Deixem-me viver; em compensação eu trarei dois lobinhos.
Ainda desta vez os dois caçadores não se sentiram com coragem suficiente para disparar contra o animal e pouparam também os dois lobinhos, que se juntaram assim às duas lebres e às duas raposinhas.
Vendo um urso, os dois irmãos resolveram matá-lo, porque não suportavam mais a fome, mas a fera dirigiu-lhes a palavra, exclamando com voz trêmula:
- Tenham piedade de mim! . . . Não me matem, e eu lhes trarei dois dos meus ursinhos.
Ainda desta vez os dois irmãos tiveram de ceder aos impulsos do seu coração generoso, e pouco depois os dois ursinhos se juntavam aos outros animais que seguiam os caçadores, saltitando alegremente em volta deles e ajudando-os nos seus quefazeres.
Não querendo sacrificar os animais, os dois moços alimentavam-se com frutas silvestres. Decidiram procurar trabalho e, como não era possível permanecerem sempre juntos, resolveram separar-se. Assim mesmo encontraram uma bela leoa que lhes quis dar dois leaõzinhos, e cada um dos dois irmãos ficou com uma lebre, uma pequena raposa, um lobinho, um ursinho e um pequeno leão.
Depois se abraçaram, prometendo um ao outro mútuo afeto até à morte e, após terem cravado no tronco de uma árvore a faca que lhes dera o caçador, começaram a caminhar em direções opostas.

No dia seguinte, um dos dois irmãos chegaram a uma aldeia paramentada de luto e entrou em uma granja, pedindo alojamento para si e para os seus animais. O dono pôs à sua disposição um estábulo com uma porta tão pequena que nele puderam entrar somente a lebre e a raposa. A primeira encontrou uma couve e a segunda uma galinha, e as duas puderam saciar a fome.
Mas o lobo, o urso e o leão eram grandes demais para poderem entrar no estábulo; o dono conduziu-os então a um prado onde pastava uma vaca, que os três animais devoraram em um abrir e fechar de olhos.
Tendo providenciado dessa maneira sobre o bem-estar dos seus animais, o caçador perguntou então ao dono da granja a razão por que o país estava de luto.
- Porque a filha do nosso rei deverá morrer amanhã - respondeu o camponês, com voz cheia de tristeza.
- Está doente? Está agonizante?
- Não. Está sã, é jovem e bela, mas tem de morrer.
- Por que motivo?
- Já lho vou dizer - respondeu o homem -. Fique sabendo que, pouco distante daqui da nossa aldeia, encontra-se uma montanha onde mora um terrível dragão que exige o sacrifício de uma moça por ano. Se tal sacrifício não fosse realizado pontualmente, ele destruiria todo o país. E como desta vez o dragão escolheu a filha do rei, temos de sacrificá-la, porque o dragão não quer escutar desculpas e deu-nos prazo até amanhã cedo.
- E por que não se livram do dragão, matando-o? - perguntou o jovem caçador.

A estas palavras o dono da granja começou a tremer de medo, balbuciando:
- Oh, senhor! Se soubesse quantos valentes cavaleiros já tentaram fazer isso, perdendo a vida! . . . O rei prometeu que concederá a mão da filha e a sucessão ao trono, depois da sua morte, aquele que conseguir matar o dragão.
O caçador não acrescentou uma palavra, nem demonstrou ter qualquer intenção, mas no dia seguinte de manhã subiu à montanha do dragão, juntamente com os seus animais. No cimo encontrava-se um pequeno templo e ele entrou, aproximando-se do altar, sobre o qual viu três cálices cheios de um líquido e um quadro onde estava escrito: "Quem beber o conteúdo destes três cálices se tornará o homem mais forte da terra e estará em condições de manejar a terrível espada sepultada defronte da porta."
Em vez de beber o conteúdo dos três cálices, o caçador resolveu procurar a espada, mas quando a encontrou não foi capaz de movê-la nem sequer um centímetro. Então voltou até ao altar e esvaziou os três cálices; depois tornou a renovar a tentativa, conseguindo levantar a espada sem despender o mínimo esforço.
Satisfeito com a primeira parte da empreitada, o jovem sentou-se na erva, cercado pelos seus animais, e esperou a hora em que a princesa devia chegar.
Pouco depois, ela apareceu no sopé da montanha, seguida pelo rei, pelo marechal e por todos os cortesãos. Erguendo o olhar para o cume da montanha, avistou o caçador e, julgando que fosse

o dragão, começou a chorar e a suplicar que a deixassem voltar. Mas quando ouviu o pai repetir que a salvação de todo o país dependia dela, destacou-se corajosamente do grupo e prosseguiu sozinha o caminho.
O rei e os cortesãos voltaram e o marechal se escondeu atrás de uma árvore para observar de longe a terrível cena que devia desenrolar-se sobre a montanha do dragão.
Chegando ao cimo, a princesa ficou muito surpreendida por encontrar o caçador em vez do monstro. O jovem confortou-a, infundira-lhe coragem, garantindo-lhe que a salvaria, e depois a fez entrar no templo, fechando-a lá dentro.
Ainda não transcorrera sequer um minuto, quando o dragão de sete cabeças apareceu diante dele, rugindo e lançando chamas pelos olhos.
Vendo o caçador, ficou muito espantado, e perguntou-lhe com voz tremenda:
- O que foi que vieste fazer aqui em cima?
- Vim para combater contigo - respondeu o jovem, com arrogância.
- Temerário! Não sabes que muitos outros caçadores perderam a vida, combatendo contra mim? Prepara-te para morrer!
Assim dizendo, começou a vomitar torrentes de fogo pelas sete cabeças; as chamas deveriam ter incendiado o prado, produzindo uma fumaça asfixiante, mas os animais conseguiram extinguir o fogo, enquanto o corajoso caçador brandia a espada e a deixava cair com violência sobre o monstro, cortando-lhe três cabeças.
O dragão caiu por terra, mas tornou a levantar-se

logo, lançando-se de novo contra o jovem e envolvendo-o em uma nuvem de fogo; mas ele, com segundo golpe, bem assestado, cortou-lhe mais três cabeças.
Exausto e reduzido quase à impotência, o monstro rebolou pelo prado, contorcendo-se de dor; depois concentrou todas as forças que lhe restavam para lançar-se novamente sobre o caçador, mas este lhe vibrou novo golpe de espada, decepando-lhe a última cabeça.
Então chamou os seus animais e ordenou-lhes que reduzissem a bocados o horrível monstro, o que foi feito com a rapidez de um relâmpago.
Entretanto, o caçador abriu a porta do templo e aproximou-se da princesa, que desmaiara com o susto. Levou-a para fora e, quando ela recuperou os sentidos, anunciou-lhe que matara o dragão e mostrou-lhe o cadáver do monstro reduzido a pedaços.
Com indizível alegria, a princesa lançou os braços ao pescoço do corajoso caçador e disse-lhe:
- Meu pai prometeu minha mão àquele que conseguisse matar o dragão. Tu serás portanto meu esposo.
Dito isto, tirou do pescoço um magnífico colar de coral e dividiu-o entre os animais, dando ao leão o fecho de ouro que servia para fechá-lo.
Ao caçador deu o seu lenço, com as suas iniciais bordadas; o jovem cortou as sete línguas do dragão e envolveu-as no lenço, porque queria conservá-las.
- E agora vamos repousar um pouco, porque estamos muito cansados - disse ele à princesa.
Ela concordou de boa vontade e ambos se

estenderam na relva. Antes de adormecer, o caçador chamou o leão e disse-lhe:
- Tu velarás por nós, impedindo que qualquer pessoa se aproxime.
O leão dispôs-se a obedecer, mas estava muito cansado e, tendo medo de adormecer, chamou o lobo, dizendo-lhe:
- Fica junto de mim e, se alguém tentar aproximar-se, avisa-me logo.
O lobo colocou-se junto do leão mas, sentindo-se também ele muito cansado, chamou o urso, dizendo-lhe:
- Preciso dormir um pouco; fica junto de mim e, se acontecer alguma coisa, chama-me.
Mas, como também o urso estava exausto, achou conveniente chamar a raposa e dizer-lhe:
- Eu preciso de dormir. Fica a meu lado e, se alguém vier perturbar-nos, acorda-me logo.
A raposa obedeceu, mas pouco depois percebeu que não podia resistir ao sono e chamou a lebre, dizendo-lhe:
- Fica junto de mim, e se acontecer qualquer coisa, avisa-me imediatamente.
Também a pobre lebre se sentia exausta e, como não tinha ninguém a quem dirigir-se para pedir que a acordasse, procurou resistir ao sono, mas ao fim de alguns minutos os seus olhos se fecharam.
Um junto ao outro, tinham adormecido: assim o caçador, a princesa, o leão, o lobo, o urso, a raposa e a lebre.
O marechal ficara no seu esconderijo para assistir à fuga do dragão com a princesa mas, nada tendo visto e constatando que o cimo do monte estava

imerso na maior tranqüilidade, tomou coragem e subiu até lá.
Quando viu o corpo do dragão feito em pedaços e a princesa que dormia perto do caçador e dos animais, seu instinto malvado e infame sugeriu-lhe cometer um delito. Com um golpe de espada cortou a cabeça do caçador, depois segurou a princesa entre os braços e começou a descer o monte, dirigindo-se para a planície.
- Agora estás nas minhas mãos e terás de dizer que quem matou o dragão fui eu - exclamou o patife, quando a princesa acordou presa de indizível susto.
- Não! Eu nunca direi isso, porque é mentira... O dragão foi morto pelo caçador e pelos seus animais!
Então o marechal desembainhou novamente a espada e ameaçou matar também a pobrezinha, se ela não prometesse dizer o que ele queria.
Aterrorizada, a princesa teve de vergar-se à sua vontade e prometeu.
Quando o rei viu diante de si a sua adorada filha, ainda viva, experimentou uma alegria indescritível.
- Fui eu quem matou o dragão, - afirmou o marechal, - e vos peço, portanto, a mão de vossa filha, que salvei da morte.
O rei voltou-se então para a moça, perguntando-lhe se a declaração do marechal era verdadeira.
- E', mas eu desejo que o casamento não se realize senão depois de transcorrido um ano e um dia - respondeu a princesa, esperando poder evitar a boda com aquele malvado.
Em cima do monte, os animais continuavam a dormir, ao lado do caçador morto. De repente, um grande moscardo pousou no focinho da lebre, que o

obrigou a fugir, com uma pancada da pata; mas o inseto não se deu por vencido e continuou a molestá-la até que ela acordou.
Levantando-se de um pulo, a lebre apressou-se a acordar a raposa, que chamou logo o urso; este acordou o lobo, que por sua vez despertou o leão.
Mas quando este último percebeu que a princesa não estava mais junto dele e viu o cadáver do caçador, soltou formidável rugido:
- Lobo! Quem cometeu este delito? Tu és responsável por tudo, visto que não me acordaste.
- E tu, por que não me acordaste? - perguntou então o lobo ao urso.
O urso voltou-se para a raposa, perguntando-lhe:
- Por que me deixaste dormir?
E a raposa à lebre:
- Tinha-te ordenado que me acordasses! Por que não o fizeste?
Toda a culpa recaía assim sobre a pobre lebre, que não sabia como justificar-se. Os outros animais queriam matá-la, mas ela suplicou, chorando:
- Não me matem, caros amigos! Eu remediarei tudo, fazendo voltar à vida o nosso dono. Conheço uma erva que tem o poder de ressuscitar os mortos, sarando todas as feridas, mas está muito longe daqui, e o seu poder curativo não dura mais de vinte e quatro horas depois de arrancada.
- Dentro de vinte e quatro horas terás de estar de volta - disse o leão.
A lebre prometeu fazer tudo o que fosse possível e partiu com a velocidade de uma seta, voltando antes do prazo estipulado, com a erva miraculosa.
O leão pegou na cabeça do caçador, que rolara a

alguns passos de distância do busto, e aplicou-lha sobre o pescoço, enquanto a lebre lhe metia a erva miraculosa dentro da boca. Um instante depois, a cabeça estava de novo ligada ao pescoço e o coração do jovem recomeçou a bater.
O caçador não percebera nada e teve assim a impressão de despertar do sono, mas quando não viu mais a princesa a seu lado, sentiu-se invadido de uma grande tristeza, julgando que ela tivesse fugido para abandoná-lo.
A tristeza do jovem tornava-se cada vez mais profunda e ele pôs-se a girar pelo mundo, fazendo dançar os seus animais nas feiras das aldeias.
Um ano depois, chegou novamente ao país situado perto do monte onde matara o dragão das sete cabeças e, vendo que todas as casas estavam embandeiradas em festa, com bandeiras vermelhas franjadas de ouro, procurou o antigo fazendeiro, perguntando-lhe:
- Como é que justamente há um ano o país estava de luto, e agora o encontro todo em festa?
- Há um ano, a filha do nosso rei estava para ser sacrificada ao dragão - respondeu o granjeiro -. Mas hoje as coisas mudaram. O marechal conseguiu matar o monstro e amanhã se festejarão as bodas da princesa com ele.
O caçador foi-se embora e no dia seguinte, isto é, o do casamento, voltou à hospedaria, dizendo ao dono:
- O que dirias se hoje eu comesse aqui dentro o pão que se serve à mesa do rei?
- Estou disposto a apostar cem moedas de ouro que não o conseguirás respondeu o estalajadeiro, rindo-

se.
O jovem aceitou logo a aposta e, depois de ter posto as cem moedas de ouro em uma bolsa, chamou a lebre e disse-lhe:
- Vai depressa ao palácio real e traze-me um pedaço de pão do mesmo que come o rei.
A lebre foi assaltada pelo receio de que os cachorros a pegassem no caminho, mas assim mesmo obedeceu e, quando os mastins se lançaram em sua perseguição, correu a refugiar-se em uma guarita, sem que a sentinela sequer a percebesse.
Os cães tentaram entrar na guarita, mas o soldado os enxotou, obrigando-os a fugir.
Quando a lebre teve a certeza de não ser mais seguida, atingiu em poucos saltos o palácio do rei, entrou no quarto da princesa e começou a dar voltas entre as pernas desta última.
- Vai-te! - gritou a princesa, julgando que se tratava de um dos seus cães. Mas como o animal continuasse a esfregar-se nos seus vestidos, curvou-se e reconheceu com alegria a lebre do caçador que lhe salvara a vida.
- Minha querida lebre! - exclamou, tomando-a nos braços -. Que queres de mim?
- Meu dono me mandou para busca: um pedaço de pão do rei - respondeu o animalzinho, agitando a cauda -. Meu dono foi quem matou o dragão no monte.
- De boa vontade! - disse a princesa, fora de si de alegria. E chamou o padeiro, ordenando-lhe que entregasse à lebre um pão dos que eram servidos à mesa do rei.
Quando a lebre chegou de novo à hospedaria,

aproximou-se da mesa a que estava sentado o seu dono e, levantando-se nas pernas posteriores, entregou-lhe o pão.
- Ganhei a aposta, caro estalajadeiro? . . . As cem moedas de ouro são minhas!
O dono da hospedaria ficou muito maravilhado e arregalou os olhos quando o caçador acrescentou
- Agora que tenho o pão, quero também o assado que o rei come.
- Isso agora é que eu não acredito.
- Vamos apostar outros cem zloty(Moeda polaca)?
- Aceito a aposta.
Então o jovem chamou a raposa e disse-lhe:
- Minha cara raposina, tu tens de ir ao palácio real e trazer-me de lá um pedaço do assado que se serve à mesa do rei.
A raposa, sendo mais matreira do que a lebre, conseguiu entrar no palácio sem ser percebida pelos cães.
Poucos minutos após, a raposa apresentava o assado ao dono que, depois de tê-lo pousado em cima da mesa, voltou-se mais uma vez para o estalajadeiro, dizendo-lhe:
- Já ganhei duas apostas, mas agora, que tenho o pão e o assado, quero os legumes que são servidos à mesa do rei.
E chamando o lobo, ordenou-lhe:
- Meu caro lobo : tu tens de trazer-me parte dos legumes que foram preparados para o jantar do rei.
O lobo chegou ao palácio sem ser importunado por ninguém, porque era mais forte e todos o temiam.
- Vê, caro estalajadeiro? - exclamou o caçador, quando o lobo voltou e lhe entregou o prato de

legumes -. Agora que tenho o pão, o assado e os legumes que se servem à mesa do rei, quero também o doce preparado para a sobremesa real.
Desta vez o encargo coube ao urso, que chegou ao palácio real sem ser perturbado; mas, quando se preparava para entrar, a sentinela apontou-lhe a espingarda. Então o animal foi obrigado a defender-se e com duas pancadas abateu o soldado, estonteando-o.
O animal, tendo obtido da princesa uma magnífica torta, lambeu com gula as migalhas caídas por terra, e depois a entregou ao dono, que exclamou:
- Vê, meu caro estalajadeiro? Agora que tenho o pão, o assado, os legumes e a sobremesa que se servem à mesa real, quero beber também o vinho que é servido ao rei.
E chamando o leão, acrescentou:
- Sei que gostas muito de vinho. Vai até ao palácio do rei e faz com que te dêem uma garrafa do que é servido à mesa real.
O leão percorreu as ruas da cidade, fazendo fugir toda a gente à sua passagem. As sentinelas quiseram tentar obstar a sua entrada, mas bastou que ele emitisse um terrível rugido para que fugissem aterrorizadas.
Chegando defronte da câmara da princesa, o leão bateu na porta com a cauda; a filha do rei correu a abrir e, quando se viu na presença de uma fera, esteve a ponto de fugir assustada; mas o leão agachou-se a seus pés e então ela o reconheceu pela coleira e disse-lhe:
- Que queres, caro leão?
- O meu senhor, que matou o dragão da montanha,

mandou-me buscar um pouco do vinho que é servido à mesa do rei.
A princesa mandou imediatamente chamar o despenseiro, ordenando-lhe que entregasse ao leão algumas garrafas do melhor vinho; mas a fera não pareceu satisfeita, e disse:
- Quero ir eu próprio à adega, para estar certo do vinho que vão dar-me.
Quando o despenseiro lhe ofereceu o vinho que bebia a criadagem, o leão pegou em uma caneca e mandou-o encher, dizendo:
- Quero primeiro prová-lo.
E quando o bebeu, acrescentou:
- Não está direito; este vinho é ruim e não pode ser o que se serve à mesa do rei.
O despenseiro lançou-lhe um olhar torvo e aproximou-se do tonel que continha o vinho destinado ao marechal.
O leão quis também prová-lo e depois disse:
- E’ um pouco melhor do que o primeiro, mas ainda não pode ser o mesmo que é servido ao rei.
- Que sabem vocês, simples feras, de vinho? - gritou então o despenseiro, furioso.
0 leão pousou-lhe uma pata no ombro e fê-lo cair sentado, olhando depois para ele com comiseração.
Quando se levantou, o despenseiro tornara-se humilde e, sem hesitar por mais tempo, conduziu a fera a outra adega, muito menor do que a primeira, e onde se achava somente o vinho reservado para o rei.
0 leão bebeu mais de meio litro e depois declarou:
- Muitíssimo bem; é este mesmo o vinho que eu quero! Encha-me seis garrafas dele, e ponha-as em

uma cesta, de maneira que eu possa levá-las sem as quebrar.
Quando chegou à hospedaria, o leão estava meio embriagado e caminhava cambaleando. O caçador pegou nas seis garrafas, pousou-as em cima da mesa e exclamou triunfante:
- Vê, caro estalajadeiro? Agora que tenho o pão, o assado, os legumes, o doce e o vinho da mesa real, vou banquetear-me alegremente, com os meus animais.
De fato comeram todos com grande apetite, e quando o jantar acabou, o jovem voltou-se de novo para o estalajadeiro, dizendo-lhe:
- Agora que comi e bebi, quero ir ao palácio real, para me casar com a filha do rei.
- Isso agora é que é mesmo impossível - disse o estalajadeiro -. A princesa já escolheu o seu esposo, e o casamento realiza-se hoje mesmo.
Então o caçador lhe mostrou o lenço que continha as sete línguas do dragão, exclamando:
- Aqui está o que me dá a certeza daquilo que digo.
- Se tive de acreditar no resto, não acreditarei nunca que vá casar-se com a filha do rei - disse o estalajadeiro -. E para demonstrá-lo, aposto a minha casa.
O caçador jogou em cima da mesa uma bolsa contendo mil moedas de ouro e exclamou:
- Aqui está o meu equivalente.
Nesse meio tempo, o rei estava à mesa com a filha, e dizia-lhe:
- Não quererás explicar-me o que queriam todos os animais que te foram procurar durante a manhã?
- Não lhe sei dizer coisa alguma, - respondeu a

princesa - mas se quer fazer uma
coisa acertada, mande chamar a palácio o dono dos animais.
0 rei mandou logo um pajem à hospedaria, com o encargo de acompanhar o caçador ao palácio real.
Justamente naquele momento era fechada a aposta, e quando o jovem escutou o convite do pajem, voltou-se para o estalajadeiro, dizendo-lhe:
- Vê, meu caro estalajadeiro? 0 rei mandou-me chamar, mas eu ainda não vou ao palácio.
E depois acrescentou, voltando-se para o mensageiro
- Diga a Sua Majestade que me mande trazer trajes da côrte e me mande buscar com uma carruagem puxada por seis parelhas, e com uma escolta de honra.
Quando o rei tomou conhecimento da exigência do caçador, mandou chamar a filha e perguntou-lhe o que devia fazer.
- Faça o que ele lhe pede, e tudo correrá bem.
0 monarca ordenou que se preparassem as roupas, a carruagem com seis parelhas e a escolta de honra. Quando o cortejo chegou defronte da hospedaria, o caçador voltou-se para o estalajadeiro, dizendo-lhe:
- Então, acha que estou enganado? 0 rei me mandou buscar em uma carruagem de gala.
Em seguida retirou-se para um quarto, vestindo os trajes que lhe tinham trazido; quando ficou pronto, teve o cuidado de levar consigo o lenço contendo as sete línguas e saiu de carruagem, seguido pelos seus animais.
Quando o rei o viu chegar, mandou chamar a filha e

disse-lhe:
- De que maneira devo receber aquele homem?
- Aconselho-o a ir ao seu encontro - respondeu-lhe a princesa.
0 monarca foi recebê-lo ao cimo da escadaria de honra, e depois o conduziu a uma grande sala, juntamente com os seus animais, que não o abandonavam nunca.
0 marechal, que não tinha reconhecido a sua vítima, estava sentado ao lado esquerdo da noiva; o caçador sentou-se à sua direita, e o rei tomou lugar a seu lado.
Naquele momento, os servos entraram no salão, trazendo as sete cabeças do dragão, como troféu de vitória em honra daquele que estava para desposar a princesa.
Então o rei levantou a mão e exclamou em voz alta:
- Tendo matado o terrível dragão da montanha e havendo-lhe cortado as sete cabeças, prova da sua intrepidez, o marechal ganhou a mão de minha filha e hoje mesmo a conduzirá ao altar.
O caçador levantou-se, e examinou uma por uma as sete cabeças do dragão, exclamando em seguida:
- Faço observar que faltam as sete línguas. O senhor marechal poderia dizer-nos onde estão?
O infame ficou completamente confuso, não soube o que responder, e empalideceu; por fim, conseguiu balbuciar com voz trêmula:
- Os dragões nunca tiveram língua.
- Os mentirosos é que não deveriam tê-la! - gritou então o caçador, desamarrando o lenço -. Aqui estão as línguas do dragão! Esta é a verdadeira prova da vitória.

Dizendo isso, introduziu as línguas nas respectivas cabeças, mostrando como se adaptavam ao feitio de cada boca. Depois, aproximou-se da filha do rei e, mostrando-lhe o lenço bordado, perguntou-lhe a quem pertencia.

- Ao valente que matou o dragão! - respondeu a princesa.

Então o jovem chamou os seus animais e tirou-lhes do pescoço os pedaços do colar e o fecho, prosseguindo:

- A quem pertence este colar de coral, com fecho de ouro?

- Pertencia a mim, - respondeu a princesa - e eu o dei aos animais que ajudaram o caçador a matar o dragão.

Nesse ponto, o jovem voltou-se para o rei, contando-lhe tudo o que acontecera depois de ter matado o horrível monstro, e especialmente a traição do marechal.

O rei, depois de ter escutado tudo, possuído de grande espanto e de indizível desdém, quis certificar-se de que o caçador não estava mentindo e voltou-se para a princesa, perguntando-lhe:

- Responde-me com sinceridade, minha filha: o matador do dragão foi mesmo este jovem caçador?

- Foi... Agora posso dizer tudo, porque o segredo não foi revelado por mim. O marechal me obrigara a dar-lhe a minha palavra de que nunca revelaria coisa alguma e, justamente por esse motivo, foi que pedi um ano de prazo antes de casar-me com ele. O matador do dragão foi esse jovem caçador, e o marechal mentiu depois de ter-me ameaçado de morte.

O rei não quis escutar mais e reuniu os seus conselheiros, que julgaram o marechal, condenando-o à prisão perpétua.
Depois, concedeu a mão da filha ao corajoso caçador, nomeando-o príncipe regente, e também herdeiro do trono e de todos os seus bens.
As bodas celebraram-se com grande pompa e o jovem não se esqueceu de convidar ao caçador que o criara com tanto carinho e afeto, cumulando-o de benefícios. Não quis esquecer nem sequer o estalajadeiro e, quando a festa estava no seu auge, chamou-o à parte e disse-lhe:
- Viste, caro estalajadeiro? Casei-me com a filha do rei, e ganhei portanto a última aposta. A tua casa me pertence.
- E justo - respondeu o pobre estalajadeiro.
Mas o jovem sorriu e exclamou:
- Não tenhas medo : deixo-te a casa, e também as mil moedas de ouro que representavam a minha parte.
O antigo caçador agora convertido em príncipe e a sua adorada esposa viviam contentes e felizes. De vez em quando ele ia à caça, acompanhado pelos seus animais, que viviam regaladamente, e mostrava-se muito satisfeito por poder dedicar-se àquele passatempo, que sempre fora o seu maior prazer.
A pouca distância do país, achava-se imensa floresta na qual ninguém ousava penetrar porque corria a lenda de que, quem lá entrasse, muito dificilmente tornaria a sair.
O jovem não podia resistir ao desejo de ir caçar nela, e tanto suplicou ao rei, que este acabou por

conceder-lhe licença para fazê-lo.
Escoltado por um séquito escolhido e numeroso, penetrou na famosa floresta e, depois de alguns minutos, descobriu uma belíssima corça branca, que fugia sob as árvores.
- Esperem-me aqui - disse ele aos que o seguiam. - Quero matar aquela corça, e depois voltarei.
Os servos e palafreneiros estenderam-se à sombra de algumas faias e o príncipe seguiu a pista da corça, acompanhado somente pelos seus inseparáveis animais.
A escolta esperou-o pacientemente até à noite, e depois voltou ao palácio informando do acontecido o rei e a princesa.
A jovem esposa foi tomada de uma tristeza indescritível e encerrou-se nos seus aposentos, chorando amargamente.
Entretanto, o príncipe caçador continuava seguindo encarniçadamente a corça, porém o seu cavalo não conseguia nunca alcançá-la e todas as vezes que ele levava ao ombro a espingarda para apontar, o animal conseguia sempre eclipsar-se com a rapidez de um raio. Finalmente desapareceu em uma moita, e o caçador perdeu-a de vista.
Somente então reparou que tinha deixado muito atrás o seu séquito, e tocou repetidas vezes a buzina para chamar a atenção dos seus homens, que não podiam no entanto ouvi-lo, por estarem muito longe. O príncipe teve de resignar-se a passar a noite na floresta e, apeando-se do cavalo, estendeu-se ao pé de uma árvore, acendendo uma fogueira, para esquentar-se.
Cercado pelos seus fiéis animais, estava gozando o

calor do fogo, quando lhe pareceu ouvir um estranho lamento que provinha do alto. Cheio de curiosidade, ergueu o olhar e viu uma velha que estava atravessada nos ramos da árvore, gemendo
- Ui! Ui! Ui! Tenho tanto frio!
- Desce, e vem esquentar-te juntamente conosco - exclamou o príncipe.
- Tenho medo que os teus animais me saltem em cima.
- Desce, pobre mulher. Garanto-te que eles não te farão mal algum.
Mas a velha, que era uma feiticeira, teve um momento de hesitação e depois disse:
- Para estar certa de que nada me farão, quero que batas no lombo deles com o ramo que te vou atirar.
E arrancou um ramo da árvore, deixando-o cair aos pés do caçador que o apanhou e bateu ligeiramente com ele na garupa dos seus animais, os quais endureceram por encanto, tornando-se de pedra.
A velha feiticeira desceu então rapidamente da árvore e tocou no jovem com uma varinha, transformando-o por sua vez em uma estátua.
Depois soltou uma diabólica risada e transportou as suas vítimas para uma espécie de caverna onde se achavam muitas outras criaturas que ela convertera em estátuas de pedra.
A vã espera da pobre princesa se tornava cada vez mais angustiosa e até o rei se mostrava preocupado com a sorte do jovem caçador que desposara sua filha e deveria herdar o seu reino.
Exatamente nessa ocasião, o irmão do jovem príncipe voltou de longa viagem que realizara através do mundo, juntamente com os seus

animais, que ele fazia dançar para ganhar a vida.
Um dia veio-lhe a idéia de ir até junto da árvore onde se despedira do irmão, e achou facilmente a faca que tinha cravado no trono. Mas, com grande mágoa, notou que a lâmina começava a enferrujar-se de um lado, enquanto do outro permanecia limpa e brilhante como dantes.

Tomado de indizível pressentimento, o jovem pensou que, se a lâmina ainda não estava enferrujada de todo, isso queria dizer que o irmão ainda não morrera, e que talvez ainda chegasse a tempo de salvá-lo.

Seguindo a direção oposta ao caminho que ele próprio seguira um ano antes, chegou às portas de um grande país, onde os guardas o detiveram, congratulando-se com a volta dele e perguntando-lhe se o deviam anunciar logo à sua esposa.

- A princesa está torturada de ansiedade e a vossa volta a encherá de alegria ! - disseram-lhe.

Naturalmente, aqueles soldados julgavam que ele fosse o jovem príncipe, e tal engano se originava no fato de que os dois irmãos se assemelhavam como duas gotas de água e ambos viajavam seguidos dos mesmos animais.

O caçador pensou que o engano lhe poderia ser útil para descobrir o irmão e fez-se por isso conduzir ao palácio real, onde foi recebido com grande júbilo. A princesa atirou-se-lhe nos braços e perguntou-lhe por que razão ficara tanto tempo na floresta.

- Perdi-me, e só hoje pude encontrar de novo o caminho para voltar - afirmou o jovem.

Depois de ter-se informado de tudo o que acontecera na floresta encantada, o jovem caçador

disse à princesa:
- Quero voltar de novo à caça naquela imensa floresta.
O rei e a filha fizeram tudo para dissuadi-lo, mas ele insistiu no seu propósito e partiu a cavalo, acompanhado por numerosa escolta.
Chegando ao bosque, repetiram-se os mesmos fatos que se tinham verificado da primeira vez.
Quando o caçador viu passar a corça branca, voltou-se para os seus homens, dizendo-lhes:
- Esperem-me aqui. Vou matar aquela corça e voltarei logo.
Mas a corça era inatingível e, quando a perdeu de vista, caíra a noite. Então resolveu passar a noite debaixo de uma árvore e acendeu uma grande fogueira para esquentar-se juntamente com os seus animais.
De repente ouviu um lamento que vinha do alto.
- Ui! . . . Ui!! . . . Ui! . . . Tenho tanto frio!
O caçador levantou o olhar e viu a velha feiticeira, encarrapitada entre os ramos da árvore.
- Se tens frio, podes vir esquentar-te na minha fogueira.
- Tenho medo de que os teus animais me saltem em cima.
- Desce, e fica certa de que nenhum mal te farão.
- Para ter a certeza, será preciso que tu lhes batas nos lombos com o ramo que te vou atirar.
Aquelas palavras não pareceram claras ao jovem caçador, que se sentiu tomado de suspeitas e respondeu:
- Eu não bato nos meus bichos; desce imediatamente da árvore, se não queres que eu te

vá buscar.
- Quererás ameaçar-me? - sibilou a bruxa -. Aviso-te de que não poderás fazer-me nenhum mal.
- Se não desceres, dou-te um tiro.
- As tuas balas não me fazem medo.
O caçador levou a espingarda ao ombro, apontou e disparou um tiro; mas os grãos de chumbo ricochetearam sobre o corpo da velha, que soltou uma gargalhada.
- Viste? Os tiros fazem-me rir!
O caçador compreendeu logo que aquela feiticeira devia ser invulnerável somente ao chumbo e arrancou alguns botões de metal do gibão, metendo-os em um cartucho, em lugar dos grãos de chumbo. Depois, disparou pela segunda vez, e a velha caiu no chão, ferida.
O jovem ameaçando-a exigiu-lhe:
- Agora vais dizer-me imediatamente onde se encontra meu irmão, do contrário te jogo na fogueira e te asso viva.
- Tem piedade de mim! . . . Não me mates! - suplicou a feiticeira.
- Então responde: onde está meu irmão?
- Está escondido em uma caverna, juntamente com muitos outros que eu transformei em estátuas de pedra.
- Levanta-te e conduze- me imediatamente a essa caverna. Quando lá estivermos, restituirás a vida a meu irmão e a todas as tuas outras vítimas, do contrário te queimarei viva.
Tremendo de medo, a megera conduziu o caçador à caverna e tocou nas estátuas que lá se encontravam, restituindo-as à vida. O jovem

príncipe, os seus caros animais, e muitas pessoas que a velha tinha encantado, cercaram o seu salvador, abraçando-o com alegria, e depois voltaram às suas próprias casas.
Os dois irmãos gêmeos pegaram a feiticeira, amarraram-na muito bem, e jogaram-na entre as chamas, reavivando o fogo, para que não se extinguisse tão cedo. Quando a feiticeira ficou reduzida a cinzas, a imensa floresta clareou como por encanto, os raios do sol a iluminaram, e milhares de passarinhos começaram a bater asas nas copas das árvores, gorjeando.
Então os dois irmãos se dirigiram para o palácio real e, enquanto caminhavam, contaram um ao outro tudo o que lhes acontecera durante aquele período de tempo que tinham vivido separados um do outro.
Quando chegaram à vista do palácio real, disse o príncipe:
- Tu te pareces comigo de maneira extraordinária; ambos estamos vestidos de caçador e temos o mesmo séquito de animais. Agora vamos separar-nos, entrando no palácio por duas portas diferentes, e assim o rei nos verá chegar ao mesmo tempo pelas duas grandes escadarias e não saberá qual de nós dois é o esposo da filha.
Assim fizeram, de fato, e o rei, quando os viu, ficou tão embaraçado que teve de perguntar à princesa:
- Minha filha, qual destes dois é o teu esposo?
Mas nem mesmo a princesa estava em condições de responder àquela pergunta e, para não se enganar, aproximou-se dos animais, procurando o leão que tinha dentro da juba o fecho de ouro do seu colar.

- Eis meu esposo! - declarou então, pousando a mão no jovem que estava junto do leão.
O príncipe abraçou-a com grande ternura e depois passaram todos à sala de jantar, onde realizaram um banquete, celebrando as perigosas aventuras que acabavam de maneira tão satisfatória.
E durante muitos anos viveram contentes e felizes, sem que os dois irmãos se separassem mais.

FIM